



BYUNG-CHUL HAN – DO PANÓPTICO AO SMARTPHONE

poder e alteridade na era da
psicopolítica digital

BYUNG-CHUL HAN – FROM THE PANOPTICON TO THE
SMARTPHONE
power and otherness in the era of digital psychopolitics

Israel Simplicio Torres¹
Universidade Federal do Piauí

¹ Mestrando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).
E-mail: israelsimplicio161@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0618597775412976>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5072-4037>.

RESUMO: O ensaio investiga a crise da democracia na era digital e analisa como a tecnologia influencia a manipulação psicológica e o controle social. Por meio da obra de Byung-Chul Han, examina em profundidade como a psicopolítica, a vigilância digital e a comunicação afetiva nas redes sociais minam a esfera pública e a racionalidade discursiva, levando à autoexploração e ao isolamento do indivíduo. O "poder *smart*", exercido de forma sutil e sedutora, substitui a coerção física por um controle psicológico que **se** disfarça de liberdade. A sociedade da informação gera um déficit de verdade, enquanto a personalização algorítmica e a comunicação acelerada comprometem os processos democráticos. O declínio da alteridade, dada a incapacidade de formar um "nós" político, enfraquece a democracia e a torna vulnerável ao controle neoliberal. O artigo propõe a resistência à hiperatividade e à hipercomunicação, defendendo o cultivo da negatividade, do silêncio e da contemplação como antídotos para a crise. A recuperação da alteridade, do diálogo genuíno e da responsabilidade coletiva são cruciais para reconstruir a esfera pública e fortalecer a democracia autêntica.

Palavras-Chave: Psicopolítica. Contemplação. Desempenho. Alteridade. Poder.

ABSTRACT: This essay investigates the crisis of democracy in the digital age, analyzing how technology shapes psychological manipulation and social control. Drawing on the works of Byung-Chul Han, the study delves into how psychopolitics, digital surveillance, and affective communication on social networks undermine the public sphere and discursive rationality, leading to self-exploitation and individual isolation. *Smart power*, exercised subtly and seductively, replaces physical coercion with psychological control disguised as freedom. The information society generates a truth deficit, while algorithmic personalization and accelerated communication manipulate public behavior and experience. The decline of otherness, given the inability to form a political "we," weakens democracy and renders it vulnerable to neoliberal control. The article proposes resistance to hyperactivity and hypercommunication, advocating the cultivation of negativity, silence, and contemplation as antidotes to the crisis. Recovering otherness, genuine dialogue, and collective responsibility is crucial for rebuilding the public sphere and achieving authentic democracy.

Keywords: Psychopolitics. Contemplation. Performance. Otherness. Power.

INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial, a partir do século XVIII, desencadeou uma profunda e contínua transformação na vida humana, impulsionando-a rumo à Modernidade. A crescente automação do trabalho, possibilitada pelo maquinário industrial, instigou uma mudança paradigmática nos domínios moral e existencial, levando o ser humano a direcionar sua existência em prol do avanço tecnológico e científico. Giovanni Reale, em seu trabalho *O Saber dos Antigos*, aponta as raízes dessa valorização da vida ativa em detrimento da contemplativa no Renascimento. O adágio latino *verum ipsum factum*—"é verdadeiro o que se faz"—ecoou como justificativa para a instrumentalização da razão, reduzindo valores outrora metafísicos e imutáveis à utilidade prática, à produção e à realização (Reale, 2014, p. 86). Essa postura resultou no declínio da reflexão e, dada a urgência do domínio sobre a natureza, fomentou uma cultura eminentemente tecnológica.

O avanço tecnológico, entretanto, não trouxe apenas benefícios; também gerou desafios significativos para as estruturas políticas e sociais. Na era digital, testemunhamos uma crise da democracia, na qual a tecnologia, em sua ampla variedade de aplicações, é utilizada como ferramenta de manipulação psicológica e controle social. A influência das mídias digitais na formação da opinião pública e na esfera política tem levado a uma erosão dos processos democráticos tradicionais, ameaçando a autonomia individual e a racionalidade discursiva.

Em virtude disso, o filósofo alemão Hans Jonas entende que a sociedade tecnológica em que vivemos necessita de uma nova ética adequada, argumentando que garantir o futuro da humanidade é o primeiro dever da nossa civilização técnica, dado seu potencial de destruição (Jonas, 2006, p. 229). Sua "heurística do medo" defende valores adaptados à cultura tecnológica, baseados no "princípio responsabilidade", que reconhece a instância ontológica do ser humano e sua relação intrínseca com a natureza, a qual deve ser preservada para as gerações futuras. Essa preocupação não se limita aos aspectos ambientais ou físicos, mas se estende às estruturas sociais e políticas, incluindo a preservação da democracia diante das novas formas de poder possibilitadas pela tecnologia.

Nosso trabalho, portanto, enfatiza uma perspectiva política centrada na crise da democracia na era digital. Concordamos com o filósofo espanhol José Ortega y Gasset quando afirma que "o assunto tratado aqui é prévio à política e pertence ao seu subsolo" (Ortega y Gasset, 2016, p. 61). É nesse contexto que exploramos como a tecnologia digital está entrelaçada ao comportamento humano moderno e como isso impacta a responsabilidade coletiva e a democracia. Para além de um "politicismo integral", no qual todas as coisas da vida humana são absorvidas pela política, devemos pensar também sobre o que é o ser humano, a natureza de sua história, a sociedade, a individualidade e a coletividade,

o Estado, o direito e assim por diante (Ortega y Gasset, 2016, pp. 62-63). Defendemos que o uso da tecnologia, entrelaçado ao comportamento humano moderno, deve ser situado no horizonte da responsabilidade coletiva (Scruton, 2015, p. 19). Isso exige uma reflexão profunda sobre nossas ações e como podemos agir em prol do futuro humano, indo além do vocabulário científico e das agendas capitalistas e governamentais.

Para aprofundar essa análise, teremos como guia a obra de Byung-Chul Han. Seu diagnóstico sobre a psicopolítica digital e a manipulação psicológica das massas se tornou uma das principais vias para compreender os desafios que a democracia enfrenta hoje. Examinaremos as concepções em torno do horizonte tecnológico e o novo tipo de poder no domínio digital, o tensionamento da democracia na relação humano-mundo em uma sociedade instrumental e a capacidade de contemplação na cultura de entrelaçamento tecnológico.

1 PSICOPOLÍTICA E CRISE NA DEMOCRACIA: PODER E ESFERA PÚBLICA NA ERA DIGITAL

Nosso ponto de partida é a distopia de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*. Um dos pontos focais da obra é precisamente o quão problemático seria se os avanços tecnológicos e científicos fossem monopolizados por um Estado ditatorial. Em vez de recorrer à coerção política explícita e ao uso da força, Huxley propõe a existência de uma forma de dominação cultural por meio de uma perspectiva hedonista, na qual os prazeres são elevados a um *status* primordial, levando a uma aceitação quase automática e naturalizada dessa sociedade futurista. Os indivíduos tornam-se extremamente dependentes dos processos científicos e tecnológicos estabelecidos: “um Estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que os chefes políticos [...] controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão” (Huxley, 2014, p. 14). A tecnologia emerge como um dos principais meios de dominação política e cultural, seduzindo e controlando as massas com a falsa impressão de liberdade e de felicidade.

A crítica simbólica e literária de Huxley em *Admirável mundo novo* encontra representação filosófica na obra de Byung-Chul Han, que analisa os efeitos da mídia digital na comunicação, na antropologia e na política. A mudança concreta de paradigma que ocorre na virada para o século XXI mostra uma tendência já presente no imaginário de Huxley. Somos atraídos pela positividade e pela produtividade – há uma necessidade de crer que tudo está ao nosso alcance, e uma pressão inconsciente de ir além das próprias capacidades. Em *Infocracia*, Han compara a noção de vigilância do “Grande Irmão” em *1984*, de George Orwell, e o trabalho de Huxley:

A tela de vigilância do Grande Irmão é substituída, na telecracia, pela tela de televisão. As pessoas não são vigiadas, mas entretidas. Não são submetidas, mas tornadas viciadas. A polícia do pensamento e o ministério da verdade são superficiais. Dor e tortura não são usados como meios de dominação, mas o entretenimento e o divertimento [...] *Admirável mundo novo*, de Huxley, está em muitos aspectos mais próximo de nosso presente do que o Estado de vigilância de Orwell (Han, 2022, p. 32).

O conceito de panóptico, originalmente concebido por Jeremy Bentham (2000) como um modelo arquitetônico para instituições disciplinares, permite que um único vigia observe todos os indivíduos sem que estes saibam se estão sendo observados. Michel Foucault desenvolveu essa ideia em *Vigiar e Punir*, utilizando o panóptico como metáfora para descrever como o poder disciplinar é exercido nas sociedades modernas mediante vigilância e do controle constantes (Foucault, 1987, pp. 166-167). Han argumenta que, na era digital, esse modelo é substituído por um sistema mais sutil de controle psicológico, onde a vigilância é internalizada e conduzida pelas próprias práticas de consumo e comunicação dos indivíduos.

Nesse sentido, Han entende que nossa sociedade está mais próxima da descrição de Huxley, destacando novas formas de persuasão política, possíveis por meio dos complexos aparatos tecnológicos que permeiam nossa cultura. Não por acaso, Han nota que distúrbios neuronais como depressão, ansiedade e síndrome de burnout caracterizam as patologias do nosso século (Han, 2017b, p. 7), justamente pelos impactos causados na nossa psique. O diagnóstico desses sintomas tem algumas raízes e, dentre elas, destacam-se o capitalismo e o neoliberalismo que, com novos artefatos mais complexos, exploram utilizando meios mais sutis como o consumo, a tecnologia e a comunicação, em vez de utilizar a força coercitiva, como antes apontava Foucault:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, [...] entrou uma outra sociedade, [...] de academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shoppings centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e de produção (Han, 2017b, p. 23).

Assim, o poder disciplinar simbolizado pelo panóptico é substituído por um “poder *smart*”, “que não dá ordens, mas *sussurra*, que não comanda, mas que *nudge*², quer dizer, que *dá um toque* com meios sutis para controlar o comportamento” (Han, 2022, p. 17, grifos do autor). Han acredita

² O termo *nudge* refere-se a pequenas intervenções que influenciam o comportamento das pessoas de maneira previsível sem proibir nenhuma opção ou alterar significativamente seus incentivos econômicos (Thaler; Sunstein, 2009, p.109).

que, nas sociedades contemporâneas, as informações adquiridas no uso pessoal das mídias digitais permitem uma manipulação psicológica, na qual o *Big Data*³ e as inteligências artificiais são “um equivalente funcional para a esfera pública e discursiva [...]”. O discurso é substituído por dados” (Han, 2022, p. 65). Aqui temos o início da sobreposição do biopoder⁴, conceito de Foucault que se refere às formas pelas quais o Estado exerce controle sobre os corpos e as vidas dos indivíduos (Foucault, 1988, p. 134), com a “psicopolítica”, e o consequente uso da tecnologia como controle de massas:

O psicopoder é mais eficiente do que o biopoder na medida em que vigia, controla e influencia o ser humano não de fora, mas sim *a partir de dentro*. A psicopolítica se empodera do comportamento social das massas ao acessar a sua lógica inconsciente. A sociedade digital de vigilância, que tem acesso ao inconsciente-coletivo, ao comportamento social futuro das massas, desenvolve traços totalitários. Ela nos entrega à programação e ao controle psicopolíticos. A era da biopolítica está, assim, terminada. Dirigimo-nos, hoje, à era da psicopolítica digital (Han, 2018, p. 134, grifos do autor).

Se o poder agora se exerce em um nível inconsciente e psicológico, devemos nos questionar se estamos diante de uma crise de liberdade. O sujeito do desempenho, conforme discutido por Han em *Sociedade do Cansaço* (2017b), parece estar submetido a um tipo de exploração diferente. Apesar da ausência de um senhor evidente nas sociedades neoliberais, o sujeito se torna simultaneamente senhor e escravo de si mesmo, em um dualismo que Han explora revisitando a dialética senhor-escravo. Ninguém o obriga a trabalhar; todavia, a palavra “sujeito” significa “estar submetido”—agora a coação parece ser interna; seu objetivo é a autoexploração que visa à otimização pessoal e ao desempenho (Han, 2017b, pp. 25-28).

Essa situação reflete a preocupação de Jürgen Habermas com a racionalidade comunicativa e a formação da autonomia individual. Em *Consciência Moral e Agir Comunicativo*, Habermas (1989) defende que a liberdade está intrinsecamente ligada à capacidade dos indivíduos participarem de interações comunicativas livres de coerções, permitindo a formação de consensos racionais. Contudo, na sociedade atual, a colonização do mundo da vida pelos sistemas de poder e economia distorce essa comunicação, levando à perda da autonomia e à submissão a mecanismos de controle invisíveis.

³ *Big Data* pode ser explicado como o conjunto massivo de dados que são coletados, armazenados e analisados para revelar padrões e tendências, especialmente relacionadas ao comportamento humano e interações. Cf. MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. *Big Data: Como Extrair Volume, Variedade, Velocidade e Valor da Avalanche de Informação Cotidiana*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

⁴ Na análise de Han, podemos entender que o conceito de biopoder, proposto por Foucault, assume uma forma maquinal, adestrando seres humanos em animais de trabalho: “todos e cada um são uma roldana no interior da maquinaria disciplinar do poder. O poder disciplinar penetra nos nervos e nas fibras musculares e faz ‘de uma massa disforme, de um corpo inábil’ uma ‘máquina’. Fabrica corpos ‘dóceis’; ‘dócil é um corpo que pode ser submetido, que pode ser explorado, que pode ser remodelado e aperfeiçoado’” (Foucault, 1977 *apud* Han, 2022, p. 8). Embora este não seja um dos conceitos principais da pesquisa, ainda é digno de nota, dada sua importância paradigmática, sobreposto também, no nosso contexto, pela psicopolítica.

Precisamos restabelecer, portanto, as raízes da própria concepção de liberdade que Han remonta à noção original de estar com os amigos, dado o radical comum entre "liberdade" (*Freiheit*) e "amigo" (*Freund*), evidenciando seu caráter relacional (Han, 2023a, p. 11). O neoliberalismo assume o isolamento como proposta, atomizando o indivíduo em seus próprios interesses, e se distancia da noção de um realizar-se conjuntamente, em comunidade. Ao ignorar a dimensão intersubjetiva da liberdade, como aponta Habermas, reforça-se a crise democrática, pois a verdadeira autonomia só pode ser alcançada com uma participação coletiva em processos comunicativos racionais. Isso facilita a otimização do sujeito que se autoexplora acreditando ser livre, autônomo e independente.

Na sociedade da comunicação que problematizamos, as mídias sociais criam um “enxame digital” de indivíduos singularizados que se comunicam apenas superficialmente, nos quais somos isolados em uma bolha de interesses e excluídos de toda alteridade. Um artefato como o *smartphone* “abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do *smartphone* o *outro* não fala” (Han, 2018, p.45, grifos do autor). A incapacidade de desenvolver um “nós”, uma esfera conjunta firme, dado o caráter efêmero do enxame, retira sua energia política. Sem a possibilidade de estabelecer uma ação conjunta, “O *socius* [‘social’] dá lugar ao *solus* [‘sozinho’]. Não a multidão, mas sim a *solidão* caracteriza a constituição social atual. Ela é abarcada por uma desintegração generalizada do comum e do comunitário” (Han, 2018, p. 33, grifos do autor).

Podemos relacionar essa análise com as ideias de Jürgen Habermas sobre a esfera pública e a racionalidade comunicativa. Habermas (2003) defende que a democracia depende de um espaço onde os indivíduos possam deliberar e chegar a um entendimento comum por meio da comunicação livre de coerções. No entanto, Han argumenta que a comunicação afetiva nas redes sociais mina essa racionalidade discursiva, pois “não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular. Desse modo, *fake news*, notícias falsas, geram mais atenção do que fatos” (Han, 2022, p. 37). Este é o fenômeno da *midocracia* que, conforme a fundamentação de Han inspirada na obra de Habermas, pode começar a ser definido pela decadência da sociedade livresca, que tem o livro como base central na fundamentação e comunicação:

A esfera pública discursiva, essencial para a democracia, se deve ao público leitor pensante. Em *Mudança estrutural da esfera pública*, Habermas aponta para uma relação íntima entre o livro e a esfera pública democrática [...]. As mídias eletrônicas de massa destroem o discurso racional marcado pela cultura livresca. Produzem uma *midocracia*. Elas têm uma arquitetura particular. Por serem estruturadas como um anfiteatro, os receptores ficam condenados à passividade. Habermas considera as mídias de massa as responsáveis pelo declínio da esfera pública democrática (Han, 2022, pp. 25-27).

Deste modo, “não é a personalização algorítmica da rede, mas o *desaparecimento do outro*, a *incapacidade de ouvir atentamente*, que é a responsável pela crise da democracia” (Han, 2022, p. 55, grifos do autor). Mesmo o melhor de nosso pensamento político é debatido como qualquer outro assunto em redes sociais como *Twitter* (“X”), ou *Facebook*, de forma banal. E o público consome, debate e se identifica sem grandes e profundas reflexões, já que a política se torna um *marketing* de consumo: “na ágora digital, [...] eleitores se comportam como consumidores. É de se prever que a internet logo substituirá inteiramente o local de eleição” (Han, 2022, p. 118).

Han elucida que a própria noção de espaço público é transformada, dadas as novas formas de exposição. A sociedade da transparência⁵ convida os indivíduos a formas de exposição pornográficas, onde a distância e o respeito dão lugar à intimidade e proximidade excessivas. Em Han, “no lugar do caráter público entra a publicização da pessoa; o público se transforma em espaço de exposição, afastando-se cada vez mais do espaço do agir comum” (2017c, p. 82). Devido à pandemia de informações, a *infodemia*, há uma necessidade de compreender a esfera pública por meio das novas mídias.

Cada dado pessoal compartilhado na *web* pode ser usado para fins de manipulação política, dada a capacidade dos algoritmos e inteligências artificiais de moldar de forma sutil nossa experiência virtual que já constitui, hoje, grande parte da nossa vivência. Para Han, a sociedade da transparência ou da informação que nós vivemos não gera mais verdade: “mais informações ou um acúmulo de informações, por si sós, não produzem qualquer verdade; falta-lhes direção, saber e o sentido [...]. A hiperinformação e hipercomunicação geram precisamente a falta de verdade” (2020, p. 25). Em virtude disso, a sociedade entra em crise: “sem verdade, a sociedade rui internamente. A sociedade e a cultura se tornam elas mesmas formas de mercadoria. A mercadoria substitui a verdade” (Han, 2022, p. 97).

Han cita a *Teoria do Agir Comunicativo* de Habermas, destacando que “uma opinião cumpre o pressuposto da racionalidade quando e na medida em que incorpora saber falível para que tenha uma referência ao mundo objetivo, ou seja, uma relação com os fatos, e para que esteja disponível para uma avaliação objetiva” (Habermas, 1988, *apud* Han, 2022, p. 60). Com o atual cenário tribal das redes sociais⁶, onde grupos se associam com pautas identitárias, sejam elas de esquerda ou direita, a crise da verdade oportuniza, então, o fim da racionalidade discursiva. Há uma comunicação afetiva, na qual “não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular” (Han,

⁵ A “sociedade da transparência” é um conceito de Han que descreve uma sociedade onde a exposição excessiva e a ausência de privacidade se tornam normais, levando à erosão das barreiras entre o público e o privado (Han, 2017c).

⁶ Sobre essa questão, Han ressalta que: “O tribalismo atual, que pode ser observado não apenas na direita, mas também na política identitária de esquerda, divide e polariza a sociedade. Faz da identidade um escudo [...] que rechaça toda outridade. A tribalização progressiva da sociedade ameaça a democracia. Leva a uma ditadura da identidade e da opinião tribalista que carece de toda racionalidade comunicativa” (2022, p. 61).

2022, p. 37). Visa-se, com o mar de irrelevância de informações disparadas a todo momento, uma objetivação a curto prazo do poder. Dessa forma, fatos relevantes direcionados para problemas sérios em diversas ordens da vida humana se tornam apenas pequenas gotas em um oceano de dados, dos mais variados tipos.

A aplicação do psicopoder se dá na utilização instrumental da “psicometria”, na qual a obtenção de dados dos usuários forma a personalidade virtual, o *profile*. Analisando a utilização pessoal de alguém em uma determinada rede social, é possível prever comportamentos com mais exatidão que um amigo, ou que a própria pessoa poderia entender de si mesma. O *smartphone*, escreve Han, é um dos aparatos mais importantes de gravação psicométrica, na qual estamos sempre inserindo novas informações voluntariamente, hora a hora. Nas eleições norte-americanas de 2016, esse método foi utilizado para gerar propagandas personalizadas com base no perfil dos eleitores, alimentando um perfil de consumo em um nível inconsciente:

A infocracia impulsionada por dados mina o processo democrático que pressupõe autonomia e liberdade de vontade. A empresa de dados britânica Cambridge Analytica se gaba de ter os psicogramas de todos os cidadãos estadunidenses adultos. Após a vitória de Donald Trump nas eleições de 2016, declarou triunfante: “estamos convencidos que nossa abordagem revolucionária da comunicação impulsionada por dados teve um papel muito decisivo para a extraordinária vitória nas eleições do presidente eleito Donald Trump” (Han, 2022, p. 39).

Para o filósofo, tal processo constitui a manipulação política por excelência, na qual estratégias de dessensibilização, incapacidade de raciocínio próprio, e de *Darks ads*, são criados os “gatos eleitorais”. Anulando o princípio democrático da auto-observação social, o discurso político é como um show, e os debates se tornam uma guerra de informações: “não são os melhores argumentos que prevalecem, mas algoritmos inteligentes” (Han, 2022, p. 43). A democracia, no entanto, “é lenta, prolixa, tediosa” (Han, 2022, p. 45). A resistência ao disparo massivo de informações e notícias parece ser a negatividade do parar e do refletir.

2 VITA CONTEMPLATIVA E ENSIMESMAMENTO: A DEGENERAÇÃO DAS MASSAS NA SITUAÇÃO TÉCNICA

Byung-Chul Han, ciente dos riscos advindos da “nova era da psicopolítica tecnológica,” convoca uma mobilização contra os efeitos nocivos desse cenário, na esperança de instaurar modos de vida mais autênticos. No fulcro de sua reflexão, encontra-se a noção de “negatividade,” concebida como

contrapeso indispensável ao excesso de positividade na sociedade contemporânea. Longe de se resumir a uma atitude meramente recusatória, ela implica um recolhimento interior que suspende a constante demanda de desempenho e abre espaço para o silêncio contemplativo, condição essencial à restauração da reflexão crítica e à salvaguarda de nossa liberdade diante do poder invasivo da tecnologia. Em vez de propor apenas um uso restrito de artefatos tecnológicos, Han exalta a necessidade de uma ética de cuidado, na qual tanto o pensamento responsável quanto a qualidade dos vínculos humanos se revelem pilares incontornáveis para uma relação autêntica com o mundo.

Ao retomar *Admirável mundo novo*, notamos importantes conceitos simbólicos utilizados para compreender o conceito de negatividade em Han. Na distopia de Huxley, há um excesso da positividade similar ao observado em nossa sociedade. Tudo é voltado ao desempenho; os seres humanos são produzidos em um ambiente industrial, divididos em castas controladas pelo governo, que determina as características de cada um para adequá-los ao ambiente de trabalho. Inteligência, interesses, prazeres e dores são predispostos geneticamente e controlados de formas sutis posteriormente, a exemplo da utilização da pílula *soma* que induz a felicidade, medicinalmente. Aspectos que seriam humanos, porém, negativos para o desenvolvimento social e do trabalho, tais como “excentricidades, compromissos, emoções profundas e virtudes ultrapassadas [que] possam vir a criar raízes são deliberadamente impedidos de se desenvolver” (Scruton, 2015, p. 15).

Han identifica que vivemos em uma “sociedade paliativa”, que busca eliminar a dor e o desconforto, utilizando esses processos para exercer poder de forma mais eficaz:

Na era pós-industrial e pós-heroica, o corpo não é nem posto avançado, nem meio de produção. O corpo hedonista que, sem relação com um fim mais elevado, apraz-se consigo mesmo e desfruta de si próprio, desenvolve, em oposição ao corpo disciplinado, uma posição de recusa diante da dor. A ele, a dor aparece como inteiramente desprovida de sentido e de utilidade [...]. Na sociedade do desempenho neoliberal, negatividades como mandatos, proibições ou punições dão lugar a positivities como motivação, auto-otimização ou autorrealização. Espaços disciplinares são substituídos por zonas de bem-estar (Han, 2021, pp. 25-26).

Nesse sentido, imperativos como “seja livre” ou “seja feliz” produzem uma coação mais eficiente do que “seja obediente”. O poder *smart*, mencionado anteriormente, não provoca dor, mas opera de forma sedutora e permissiva, mascarando-se como liberdade (Han, 2021, p. 27). Sem a negatividade, tudo é nivelado e homogeneizado; a coação pelo desempenho é alimentada pela crença positiva de que tudo é possível. O indivíduo que não alcança esses padrões fecha-se em si mesmo, pois a dor é vista como sinal de fraqueza, incompatível com os ideais de produtividade.

Para além da ação e da constante atividade, Han defende a necessidade de reaprender a dizer "não"⁷, resistindo à enorme quantidade de estímulos que recebemos: "é uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos, tanto mais livres seríamos" (Han, 2017b, p. 52). Ele alerta que isso é sintoma de decadência e esgotamento. É com base na negatividade do parar interiormente que o pensamento não se reduz a um mero cálculo hiperativo. Na inatividade, podemos encontrar a "verdadeira felicidade", que se deve ao que é:

[...] vão e inútil, ao que é reconhecidamente profuso, improdutivo, desviante, excessivo, superficial, às belas formas e gestos, que não têm nenhuma utilidade e não servem para nada. [...] O *cerimonial da inatividade* significa: *fazemos, mas para nada*. Esse *para-nada*, essa liberdade com respeito a qualquer finalidade ou utilidade, é o núcleo essencial da inatividade. É a fórmula essencial da felicidade (Han, 2023b, p. 16, grifos do autor).

Han afirma que "sem um momento de hesitação ou de contenção, o agir se degenera em ação e reação cegas. Sem repouso surge uma nova barbárie" (Han, 2023b, p. 11). Nesse contexto, podemos estabelecer um paralelo com o filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Para ele, a incapacidade de ter ideias próprias constitui a essência do "homem-massa", o bárbaro contemporâneo. Já no século passado, Ortega y Gasset identificava o fenômeno da perda da capacidade de "ensimesmar-se", de recolher-se com serenidade no próprio íntimo: "Perdeu-se [...] a capacidade de ensimesmar-se, de nos recolhermos com serenidade em nosso fundo insubornável. Só se fala de ação" (Ortega y Gasset, 2017, p. 53).

Citando Píndaro, "torna-te quem tu és!", Ortega quer apontar que sim, nosso destino é a ação, mas ação pensada: deve o homem "ensimesmar-se", tornar a si contemplativamente, formular ideias sobre esse mundo, para projetar sua ação: "*não se pode falar de ação a não ser na medida em que esteja regida por uma prévia contemplação; [...] o ensimesmamento não é senão um projetar a ação futura*" (Ortega y Gasset, 2017, p. 42, grifos do autor). O desígnio do homem é, pois, sua ação preconcebida e refletida na realidade radical da vida, pessoal e histórica. A vida contemplativa

⁷ A *vita contemplativa* não se reduz a capacidade de "dizer não"; há uma profundidade ontológica que supera o que pode ser interpretado superficialmente nessa expressão. Mas essa é uma das formas que Han descreve em sua *Sociedade do Cansaço*, sobretudo no capítulo *Pedagogia do ver*, ao fazer menção à Nietzsche: "A falta de espírito, falta de cultura repousaria na 'incapacidade de oferecer resistência a um estímulo'. Reagir de imediato e seguir a todo e qualquer impulso já seria uma doença, uma decadência, um sintoma de esgotamento. Aqui, Nietzsche nada mais propõe que a revitalização da *vita contemplativa*. Essa vida não é um abrir-se passivo que diz *sim* a tudo que advém e acontece. Ao contrário, ela oferece resistência aos estímulos opressivos, intrusivos. Em vez de expor o olhar aos impulsos exteriores, ela os dirige soberanamente. Enquanto um fazer soberano, que sabe dizer *não*, é mais ativa que qualquer hiperatividade, que é precisamente um sintoma do esgotamento individual" (Han, 2017b, p.52, grifos do autor). Deste modo, "dizer sim" a tudo, bem como "saber dizer não" implicam, metafórica ou literalmente, na antítese da atividade e da negatividade, que Han está contrapondo.

possibilita uma ação autêntica. Nas *Meditações sobre a técnica* de Ortega já há um sinal dos futuros maus agouros: “talvez a doença básica de nosso tempo seja uma crise dos desejos e, por isso, toda a fabulosa potencialidade de nossa técnica parece não nos servir para nada” (Ortega y Gasset, 1991, p. 37).

Diante disso, a técnica, como atividade humana de adaptação da natureza ao homem, embora proporcione segurança e conforto que poderiam favorecer a contemplação, pode também degenerar e distanciar-se de um ideal contemplativo, de uma vida projetada com ações plenas e planejadas. Com a abundância na reprodução de artefatos e consumo que a atual circunstância material produz em nossa civilização, percebemos que a virtude do homem de se tornar homem – isto é – de se realizar enquanto projeto (Ortega y Gasset, 1991, p. 30), degenera em uma nova crise, pois se perdeu a capacidade de inventar a si e realizar o seu programa em sentido pessoal, autêntico.

O “homem-massa” orteguiano⁸ do século passado degenera facilmente no “sujeito do desempenho” de Han, cuja busca por comodidade é exemplificada pela dependência tecnológica. No regime da informação descrito por Han, a dominação se confunde com a vida cotidiana facilitada. Ela se esconde ao se integrar completamente ao cotidiano, manifestando-se por meio das mídias sociais, dos mecanismos de busca, das assistentes de voz e dos aplicativos inteligentes. Han sugere que o *smartphone* funciona como um informante eficiente, submetendo os indivíduos a uma vigilância contínua, enquanto a casa inteligente transforma o lar em uma prisão digital que documenta detalhadamente a vida diária (Han, 2022, pp. 18-19).

Os influenciadores das mídias sociais incorporam técnicas de poder neoliberais, sendo venerados como modelos, o que confere uma dimensão quase religiosa a essa dinâmica. Os seguidores comportam-se como discípulos, participando da vida dos influenciadores ao comprar produtos que eles promovem, integrando-os em seu próprio cotidiano encenado. Dessa forma, consumo e identidade se tornam indistinguíveis, com a identidade transformando-se em uma mercadoria. Aquele homem-massa de Ortega agora é manipulado por meios mais complexos, tornando a democracia autêntica inviável em sua condição atual.

⁸ *A Rebelião das Massas*, obra-prima do filósofo espanhol, analisa a ascensão do que ele chama de “homem-massa” na sociedade do século XX e os seus desdobramentos para a cultura e a política. O autor parte do diagnóstico de que o progresso técnico e científico, desenvolvidos sobretudo por grandes mentes dos séculos XVII ao XIX, possibilitou uma melhoria das condições de vida e uma ampliação dos direitos e liberdades. Todavia, também gerando o fenômeno paradoxal da ocupação, no século XX, do “homem vulgar” em espaços antes destinados às minorias qualificadas. Este homem-massa, primitivo, chamado por ele de *Naturmensch* (“homem natural”), vive neste mundo civilizado como parte de sua natureza, transformando os meios (a técnica) em *causa sui*, um fim em si, e acaba por esquecer o caráter artificial da civilização, o lugar de onde veio (Ortega y Gasset, 2016, p. 160). Ele não é assim definido por uma questão financeira, mas psicológica – ser um homem-massa é ser inautêntico, “sua vida carece de projetos e anda à deriva. Por isso não constrói nada, ainda que suas possibilidades, seus poderes, sejam enormes” (Ortega y Gasset, 2016, p. 119).

Assim, para Han, "a nova massa é o enxame digital" (Han, 2018, p. 26). Em *No Enxame*, ele mostra como a noção de massas se atualiza de acordo com as redes sociais e a ausência de alteridade:

As massas, que anteriormente conseguiam se organizar em partidos e que eram animadas por uma ideologia, deterioram-se em enxames de unos barulhentos [...] que não formam nenhuma esfera pública e que não participam de nenhum discurso público. [...] O 'Nós' político, que seria capaz da ação em sentido enfático, desmancha-se. Que tipo de política, que tipo de democracia seria pensável hoje, haja vista a esfera pública em desvanecimento, haja vista a egoificação e a narcisificação crescentes do ser humano? (Han, 2022, pp. 112-113, grifos do autor).

Diante da crise democrática, Han chama a atenção justamente para a representatividade no pensamento político, citando diretamente Hannah Arendt, que afirma: "o pensamento do outro está sempre co-presente": "formo uma opinião considerando um dado tema de diferentes pontos de vista, fazendo presentes em minha mente as posições dos que estão ausentes; isto é, eu os represento" (Arendt, 2016, p. 299). A alteridade é fundamental para a constituição pública e política. Sem a presença do outro, a opinião pessoal não é discursiva ou representativa, mas doutrinária e dogmática (Han, 2022, p. 51).

3 ALTERIDADE E COMUNIDADE: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS CAMINHOS DA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

A obra de Byung-Chul Han oferece uma análise profunda sobre como a era digital contribui para a crise da democracia. Han destaca que as tecnologias da informação não apenas preveem e influenciam comportamentos individuais, mas também transformam fundamentalmente a esfera pública e a participação política. A disseminação maciça de informações e a comunicação acelerada resultam em uma sobrecarga cognitiva, na qual "o pensamento necessita de silêncio" (Han, 2017a, p. 88), mas é constantemente interrompido pela saturação de estímulos. Essa hipercomunicação leva à superficialidade dos debates públicos e à dificuldade de formação de consensos racionais, essenciais para o funcionamento democrático.

Han argumenta que a democracia está em crise porque a esfera pública, onde deveria ocorrer o debate racional e a formação da vontade política coletiva, está sendo corroída pela lógica das redes sociais e pela comunicação afetiva. A verdade é obscurecida, e os fatos se dissolvem em ruído e irrelevância, facilitando a disseminação de *fake news* e a manipulação política (Han, 2022, p. 37). A "infocracia" emergente substitui o discurso racional por dados e algoritmos que influenciam o

comportamento das massas sem passar pelo crivo da razão, tornando obsoleta a teoria de Habermas da ação comunicativa (Han, 2022, p. 65).

A crise da democracia também se manifesta na perda da alteridade e da capacidade de formar um "nós" político. Han observa que as redes sociais criam um "exame digital" de indivíduos isolados que não conseguem se organizar em movimentos políticos efetivos (Han, 2018, p. 26). A hiperindividualização e a narcisificação promovidas pelas plataformas digitais fragmentam a sociedade, tornando difícil a ação coletiva e a construção de uma esfera pública democrática (Han, 2022, pp. 112-113).

Remetendo à questão do assentamento – o estabelecimento da morada – proposto por Martin Heidegger⁹, Han entende que a sociedade contemporânea perdeu o sentido de comunidade e de conexão com o mundo. A "casa mercantil" em que vivemos não é apropriada para a democracia, pois carece de espaços para o encontro autêntico e o diálogo significativo:

Aparentemente, temos tudo; só nos falta o essencial, a saber, o mundo. [...] O alarido da comunicação sufoca o silêncio. A proliferação e massificação das coisas expulsa o vazio. [...] Esse universo-mercadoria não é mais apropriado para se morar. Ele perdeu toda relação para com o divino, para com o sagrado, com o mistério, com o infinito, com o supremo, com o elevado. Perdemos toda a capacidade de admiração. Vivemos numa loja mercantil transparente, onde nós próprios, enquanto clientes transparentes, somos supervisionados e governados. [...] Já é hora de transformar essa casa mercantil novamente numa moradia, numa casa de festas, onde valha mesmo a pena viver (Han, 2017b, p. 128).

Em consonância com isso, o filósofo inglês Roger Scruton argumenta que a verdadeira liberdade está intrinsecamente ligada à responsabilidade compartilhada, onde as pessoas devem prestar contas de suas ações de forma comunitária. Ele ressalta que o mundo cibernético nos lembra que as novas tecnologias podem tanto ameaçar quanto reforçar a liberdade. Embora a liberdade seja um exercício individual, ela se concretiza nas relações coletivas; "não podemos supor que as pessoas poderão ainda obter a liberdade em um mundo onde o 'nós' seja meramente imaginado e os relacionamentos e compromissos não existam mais" (Scruton, 2015, p. 19). Na visão de Scruton, assim

⁹ No texto *Construir, Habitar, Pensar*, presente na obra *Ensaios e Conferências* de Heidegger (2012), conseguimos extrair um estudo profundo sobre esse problema, a partir da natureza das circunstâncias humanas em relação do ser com as construções e habitações. Refletindo sobre o sentido do habitar, entendemos que este é uma meta da atividade do construir. Todavia, nem todas as construções fazem parte de uma verdadeira morada, servindo como abrigo as mais diferentes funções, tais como a estrada ao caminhoneiro e a fábrica ao operário. Dessa instrumentalização impessoal, na qual a construção é coisificada, temos uma crise habitacional. Mais precisamente, podemos relembrar um dos pontos focais de sua outra obra, *Ser e tempo*, quando Heidegger afirma: "O não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário" (1993 *apud* Puls, 2006, p. 487). Cf. HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

como na distopia de Huxley e na análise de Byung-Chul Han, a liberdade sem compromissos e sem amor torna-se apenas uma ilusão. A comunidade que se forma em virtude do "nós" busca acordos essenciais para a democracia e a política a longo prazo, dividindo a responsabilidade em suas noções situadas e considerando fragilidades.

A racionalidade, que permite a verdadeira democracia, precisa de tempo — decisões racionais são feitas no longo prazo. Han observa que a comunicação acelerada muda nossa percepção e comportamento de modo que não se pode mais falar em atitudes racionais, mas em escolhas impulsivas (Han, 2022, p. 36). A perda de espaços para deliberação pública racional e o predomínio de interações emocionais dificultam a formação de consensos necessários à democracia. É necessário, portanto, exercer resistência à hipercomunicação e à hiperatividade. Han defende a importância de ter um descanso que não esteja na lógica do trabalho, que busca a mera retomada da produtividade. A negatividade do parar, da inatividade, realça a verdadeira felicidade, onde cada coisa é notada em seu espaço e lugar (Han, 2023b, p. 16). Essa postura nos permite recuperar a capacidade de contemplação e de estabelecer relações autênticas com o outro e com o mundo.

Sem ouvir o outro atentamente, permitindo essa negatividade que nos tira de nós mesmos e rompe com a própria narcisificação, não podemos estabelecer um ambiente político esclarecido, funcional e comunitário. É necessário, desse modo, desobjetificar o outro, estabelecendo laços mais profundos que vão além da mera instrumentalização. Han aponta que "a sociedade do desempenho, dominada pelo poder, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulneração e paixão" (Han, 2017a, p. 29). O amor, entendido como abertura ao outro e disposição para a vulnerabilidade, é essencial para a constituição de uma comunidade autêntica.

Para enfrentar a crise da democracia, Han enfatiza que "a política requer a presença física dos cidadãos. A democracia não é possível sem uma comunidade real" (Han, 2022, p. 119). Retomar a esfera pública como espaço de diálogo autêntico e responsabilidade coletiva é essencial para revitalizar a democracia e resistir aos mecanismos sutis de controle que permeiam nossa sociedade digital. A recuperação da alteridade, do diálogo genuíno e da responsabilidade compartilhada são cruciais para a reconstrução de uma esfera pública democrática. Partindo da análise das ideias de Byung-Chul Han, compreendemos que a crise da democracia na era digital não é apenas uma questão isolada na técnica ou na política, mas está profundamente ligada à maneira como nos relacionamos com o outro e conosco mesmos. A hiperatividade, a hipercomunicação e a mercantilização da vida nos afastam da contemplação e da capacidade de estabelecer vínculos autênticos.

A proposta de Han para enfrentar essa crise envolve uma revalorização da negatividade, do silêncio e da contemplação. É necessário desacelerar, permitir-se momentos de inatividade e cultivar a alteridade. Somente assim poderemos reconstruir a esfera pública como espaço de diálogo genuíno e

responsabilidade coletiva, o que revitaliza a democracia e reforça uma resistência às formas sutis de controle que caracterizam a psicopolítica digital. Ao retomar a importância da comunidade e do "nós" político, abrimos caminho para uma sociedade mais justa e humana, onde a liberdade não seja uma ilusão, mas uma prática concreta sustentada por relações autênticas e compromisso mútuo. A reflexão profunda sobre nossos valores e prioridades é, portanto, não apenas desejável, mas essencial para o futuro da democracia e da própria humanidade.

Ensaio recebido em: 05/08/2024

Ensaio aceito em: 27/01/2025

Ensaio publicado em: 31/03/2025

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 8ª ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- Bentham, Jeremy. *O Panóptico*. Organização e Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e crise da democracia*. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 10ª ed. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023a.
- HAN, Byung-Chul. *No exame: perspectivas do digital*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017c.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Vita contemplativa: ou sobre a inatividade*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2023b.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. 22ª edição. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2014.
- JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. *Big Data: Como Extrair Volume, Variedade, Velocidade e Valor da Avalanche de Informação Cotidiana*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. 5ª edição. tradução de Felipe Denardi. São Paulo: Vide editorial. 2016.
- ORTEGA Y GASSET, José. *O Homem e os outros*. Tradução de Felipe Denardi. Campinas: Vide editorial. 2017.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditação sobre a técnica*. Tradução de José Francisco Pinto de Almeida Oliveira. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1991.
- PULS, Mauricio. *Arquitetura e filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- REALE, Giovanni. *O Saber dos Antigos: Terapia para os tempos atuais*. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014.
- SCRUTON, Roger. *As Vantagens do Pessimismo: e o perigo da falsa esperança*. Tradução de Fábio Faria. São Paulo: É realizações, 2015.



THALER, Richard H.; SUNSTEIN, Cass R. *Nudge: Improving Decisions About Health, Wealth, and Happiness*. New Haven: Yale University Press, 2009.